



Dessa cor, um convite aos versos de Fernanda Bastos

Júlia Dias da Silva¹

*[...] Dessa cor
aponta para mim
Sei bem a
semântica da cor e
o poder da cor [...]
(Dessa cor, p. 19)*

Dessa cor é a primeira publicação dos escritos poéticos da jornalista Fernanda Bastos. Publicada em 2018 pela *Figura de Linguagem* – editora independente de Porto Alegre (RS) –, a obra reúne 33 poemas divididos nas seções *Da engrenagem Bruta*, *A régua mais escura*, *Relatos da matéria*, *Bordeline*, *brotherline*, *Orixás do papel* e *Cartas de liberdade 1831 a 1861*.

Fernanda Bastos, mulher, negra, gaúcha, munida da arte das palavras como instrumento de liberdade e libertação, inquieta e acolhe. Provoca leitoras e leitores à reflexão e à ação acerca de uma sociedade brasileira de estrutura misógina, racista e classista, e que não se pensa como tal. (Re)encontra as múltiplas subjetividades de mulheres negras em uma escrita que é de si, e que reverbera na elocução de *nós*.

Por que sou negra, mamãe?
F, relato de uma
escrevivência.
Um efeito estético de cor
(*Títulos provisórios*, p. 12)

Na artesanania dos poemas de *Dessa cor*, passado, presente e futuro se costuram numa produção literária que aciona memória, identidades negras, corpo e ancestralidade. Com um

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura (UFBA); Especialista em Literatura Brasileira (UFRGS).

discurso poético que contempla as pautas do feminismo negro, linguagem, ritmos e imagens são tessituras acerca da solidão da mulher negra. Essa poética vai além das relações afetivo- amorosas, do aniquilamento histórico-cultural, da objetificação e da fetichização dos corpos negros, da não-liberdade, das dores e do cansaço advindos de inimigos que são sociais e políticos, da literatura enquanto espaço de privilégio branco-masculino-elitista, da escrita negro-feminina como processo ancestral, de criatividade e de poder, do racismo, do sexismo.

[...]
mas quem nos reconhece?
muitos não nos reconhecem
invisíveis assassinadas
miseráveis muitos não a
reconhecem a primeira
romancista e que era preta
muitos não me reconhecem
gaúcha e preta
[...]
(*Reconhecimento*, p. 46)

Distantes da ideia de “pausa para poesia”, os versos de Fernanda Bastos, com elaborados elementos linguísticos e semânticos, são também ferramentas de conscientização social e convocam ao combate a opressões de raça e de gênero, bem como ao resgate das histórias e das vivências do povo negro, especialmente no Rio Grande do Sul. Na última seção de *Dessa cor, Cartas de liberdade 1831 a 1861*, os poemas são criados a partir de registros encontrados no tabelionato do município de Alegrete (RS), sobre escravizadas e escravizados.

Com discurso literário crítico, de construção linguística precisa, *Dessa cor* contém versos orgânicos que despontam sob as experiências do sujeito eu-mulher negra. Ademais, Fernanda Bastos, com riqueza, dialoga com outras negras vozes, como as de Maria Firmina dos Reis, Carolina Maria de Jesus, Lélia González, Conceição Evaristo.

[...]
Coloco-me no espelho
reconheço:
negra
alguma ousadia de escrever
não como mas
também como Maria
Firmina dos Reis - a
quem buscamos...
(*Reconhecimento*, p. 47)

As produções intelectuais e literárias de mulheres negras reconstróem vivências e acionam identidades e memórias individuais e coletivas; denunciam estereótipos, hegemonias, estigmas excludentes e impostos por opressões de raça, gênero e classe; insurgem em espaços

restituindo histórias que foram cerceadas sob discursos de subalternização. Para Audre Lorde, a poesia, para mulheres, não é um luxo, mas “uma necessidade vital de nossa existência”. Assim, *Dessa cor*, sagaz e sensível, é uma forte leitura-encontro para mulheres negras, mas é, sobretudo, imprescindível àqueles e àquelas que compreendem as discriminações raciais e de gênero, entre outras, como uma problemática social.

Referência

Bastos, Fernanda. *Dessa Cor*. Porto Alegre: Figura de Linguagem, 2018, 60p.